

**“TRABALHEMO NA PRANTAÇÃO”: UM BREVE MAPEAMENTO DO ROTACISMO NO MARAJÓ – PA****“TRABALHEMO NA PRANTAÇÃO”: A BRIEF MAPPING OF ROTACISMO IN MARAJÓ - PA** <https://doi.org/10.63330/armv1n3-001>

Submetido em: 08/05/2025 e Publicado em: 12/05/2025

**Ana Vitória Dias Lima**

Mestranda em Ensino de Língua Portuguesa e suas respectivas literaturas (UEPA)

E-mail: vituria7@gmail.com

**Aurora de Castro Pantoja**

Mestranda em Ensino de Língua Portuguesa e suas respectivas literaturas (UEPA)

E-mail: aurorapantoja@yahoo.com.br

**Bárbara Andresa de Souza Balieiro**

Mestranda em Ensino de Língua Portuguesa e suas respectivas literaturas (UEPA)

E-mail: balieiro22@hotmail.com

**Mariane de Fátima Rodrigues Coelho**

Mestranda em Ensino de Língua Portuguesa e suas respectivas literaturas (UEPA)

E-mail: marirodrigues@outlook.com

**Cindy Isabelle Hage Pantoja**

Mestranda em Ensino de Língua Portuguesa e suas respectivas literaturas (UEPA)

E-mail: cursoderedacaoprofcindyhage@gmail.com

**Elizete Ferreira Morais Barbosa**

Mestranda em Ensino de Língua Portuguesa e suas respectivas literaturas (UEPA)

E-mail: prof.elizetemorais@gmail.com

**Luan Xavier de Souza**

Mestrando em Ensino de Língua Portuguesa e suas respectivas literaturas (UEPA)

E-mail: Luanletras@gmail.com

**Andreia Pacheco de Almeida**

Mestranda em Ensino de Língua Portuguesa e suas respectivas literaturas (UEPA)

E-mail: andreia.p.almeida2025@gmail.com

**RESUMO**

Este trabalho tem como objetivo registrar e analisar o fenômeno do rotacismo presente na fala de moradores do município de Ponta de Pedras, situado na Ilha do Marajó, no estado do Pará. A investigação está inserida no campo da dialetologia, sociolinguística, fonética e fonologia, buscando compreender como esse processo de variação linguística se manifesta em uma comunidade específica. O foco principal da pesquisa é a descrição e interpretação fonético-fonológica do rotacismo, com base nos dados coletados em campo. Para embasar teoricamente o estudo, foram considerados autores como Bagno (1999; 2001; 2007), Ferreira e Cardoso (1994), Calvet (2002), Bortoni-Ricardo (2004), Labov (1983), Tarallo (1988) e Razky (1998),



cujos trabalhos discutem a diversidade linguística, as variações fonológicas e os aspectos sociais da linguagem. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa descritiva e qualitativa, que utilizou uma amostra formada por 16 participantes, selecionados com base em critérios como: serem nativos da região, terem mais de 50 anos de idade, escolaridade incompleta e distribuição por sexo. A coleta de dados foi realizada por meio de um questionário fonético-fonológico (Aguilera et al., 2001), sendo as respostas transcritas foneticamente e analisadas de maneira interpretativa. Os resultados revelaram a ocorrência significativa do rotacismo, identificado em palavras como “clara” pronunciada como “crara”, “planta” como “pranta”, entre outras. A análise dos dados demonstra a presença de uma variação linguística estável, associada a fatores socioculturais locais, refletindo características próprias da identidade linguística dos falantes de Ponta de Pedras/PA.

**Palavras-chave:** Rotacismo; Variação Linguística; Fenômeno Fonético-Fonológico.

## ABSTRACT

This study aims to document and analyze the phenomenon of rhotacism present in the speech of residents from the municipality of Ponta de Pedras, located on Marajó Island, in the state of Pará, Brazil. The research is situated within the fields of dialectology, sociolinguistics, phonetics, and phonology, seeking to understand how this linguistic variation manifests in a specific community. The main objective of the study is the phonetic-phonological description and analysis of rhotacism based on the data collected in the field. The theoretical framework is supported by authors such as Bagno (1999; 2001; 2007), Ferreira and Cardoso (1994), Calvet (2002), Bortoni-Ricardo (2004), Labov (1983), Tarallo (1988), and Razky (1998), whose works address linguistic diversity, phonological variation, and the social aspects of language. Methodologically, this is a descriptive and qualitative study, involving a sample of 16 participants selected based on the following criteria: being native to the region, over 50 years of age, incomplete formal education, and gender distribution. Data were collected using a phonetic-phonological questionnaire (Aguilera et al., 2001), with responses phonetically transcribed and analyzed qualitatively. The results revealed a significant occurrence of rhotacism, particularly in words such as “clara” pronounced as “crara”, and “planta” as “pranta”, among others. The analysis highlights the presence of a stable linguistic variation linked to local sociocultural factors, reflecting unique characteristics of the linguistic identity of the speakers from Ponta de Pedras/PA.

**Keywords:** Rhotacism; Linguistic Variation; Phonetic-Phonological Phenomenon.



## 1 INTRODUÇÃO

A história linguística do Brasil é caracterizada por intensos processos de contato intercultural e linguístico entre as línguas dos colonizadores europeus, dos povos africanos escravizados e das populações indígenas. Esse cenário produziu, desde os primeiros momentos da colonização, um ambiente marcadamente multilíngue. Nesse contexto, os africanos escravizados tiveram um papel central, sendo inseridos em um sistema de aprendizagem linguística carregado de estigmas e conflitos sociais, o que influenciou diretamente a formação do português brasileiro (PB) enquanto língua em constante transformação (Calvet, 2002; Bagno, 1999; 2007).

Sob uma perspectiva teórica que compreende a língua como um fenômeno social, é imprescindível reconhecer as pressões sociais que se manifestam nas práticas linguísticas. Conforme destacam Labov (1983) e Bortoni-Ricardo (2004), a história da língua é, essencialmente, a história de seus falantes. A partir dessa concepção, formula-se a seguinte questão norteadora: qual a contribuição da variante fonológica do rotacismo registrada no município de Ponta de Pedras, no estado do Pará, para a constituição do português brasileiro? A resposta a essa pergunta passa pelo reconhecimento de que a fala revela, simultaneamente, traços de heterogeneidade e homogeneidade linguística, expressando tanto a individualidade quanto a coletividade dos sujeitos falantes (Tarallo, 1988).

Este artigo tem por objetivo principal mapear as ocorrências fonológicas observadas na fala de 16 colaboradores naturais do município de Ponta de Pedras, localizado na região do arquipélago do Marajó, estado do Pará. Os participantes foram selecionados com base nos seguintes critérios: serem nativos da localidade, com idade superior a 50 anos, baixa escolaridade e de ambos os sexos. A pesquisa, de natureza descritiva e qualitativa, foi conduzida a partir de pressupostos teóricos da sociolinguística e da dialetologia (Razky, 1998; Ferreira; Cardoso, 1994), com a aplicação de um questionário fonético-fonológico proposto por Aguilera et al. (2001), cujas respostas foram transcritas foneticamente e analisadas qualitativamente.

Os resultados obtidos demonstram a ocorrência do fenômeno do **rotacismo** em palavras como “clara”, realizada como “crara”, e “planta”, como “pranta”, entre outras. Tais ocorrências evidenciam uma variação linguística estável, vinculada a fatores socioculturais e identitários específicos da comunidade investigada. O estudo, assim, contribui para o entendimento das múltiplas formas de manifestação do português brasileiro, particularmente em localidades historicamente marginalizadas pelos centros de normatização linguística (Bagno, 2001).

Este artigo está organizado da seguinte forma: a introdução apresenta o panorama histórico e sociolinguístico da pesquisa; a segunda seção discorre sobre os fundamentos da dialetologia; a terceira aborda o fenômeno fonético-fonológico do rotacismo; a quarta descreve o campo empírico da investigação; a quinta seção detalha a metodologia aplicada; e, por fim, são apresentadas as considerações finais e as referências bibliográficas.



## 2 O DIALETO E AS LÍNGUAS

Parte-se do princípio de que todas as línguas naturais possuem uma dinâmica intrínseca que favorece o surgimento de formas diversas que compartilham o mesmo significado. Essa variação pode ocorrer em níveis fonético-fonológico, morfossintático ou lexical, refletindo diferenças de uso entre distintas regiões geográficas ou entre diferentes grupos sociais. Tal fenômeno constitui o objeto de estudo da dialetologia e da sociolinguística.

A sociolinguística, entendida como um ramo da linguística voltado para o estudo das línguas no contexto de suas comunidades de falantes, realiza suas análises considerando a inter-relação entre os aspectos linguísticos e os fatores sociais. Seu foco principal é a variação linguística, compreendida como uma característica universal das línguas naturais, passível de descrição e análise, conforme argumenta Mollica (2008). Sob essa perspectiva, a heterogeneidade da língua é vista não como aleatória, mas como sistemática e previsível dentro de determinados contextos sociais.

Por sua vez, a dialetologia tem como objetivo o estudo sistemático das variantes de uma língua, ou seja, dos dialetos, buscando interpretar e comparar os traços linguísticos presentes em diferentes variedades regionais. Nessa linha, dois aspectos são fundamentais: o reconhecimento das semelhanças e divergências refletidas na língua e a análise das conexões – ou da ausência delas – entre diferentes manifestações linguísticas registradas.

A dialetologia, portanto, concentra-se em uma abordagem espacial-geográfica da língua, com o intuito de descrever as peculiaridades linguísticas das diferentes regiões e associá-las aos respectivos dialetos. Um dos principais métodos utilizados nessa ciência é a geografia linguística, que, segundo Dubois (1995), é definida como:

"O termo dialetologia, usado às vezes como simples sinônimo de geografia linguística, designa a disciplina que assumiu a tarefa de descrever comparativamente os diferentes sistemas ou dialetos em que uma língua se diversifica no espaço, e de estabelecer-lhes os limites. Emprega-se também para descrição de falas tomadas isoladamente, sem referência às falas vizinhas ou da mesma família" (Dubois, 1995, p. 185).

Dessa forma, compreende-se que a geografia linguística constitui o método por excelência da dialetologia. Entre seus pioneiros destacam-se Georg Wenker, que realizou um mapeamento dos usos linguísticos na Alemanha por meio de questionários enviados por correspondência – o que resultou em limitações quanto à observação direta dos dados, especialmente no tocante a aspectos fonéticos –, e Jules Gilliéron, na França, reconhecido como o fundador da geografia linguística como metodologia científica. Gilliéron foi amplamente apoiado por Gaston Paris, que promoveu a disseminação de seus estudos, os quais culminaram na elaboração do Atlas Linguistique de la France (ALF), marco essencial para o reconhecimento da geografia linguística como campo científico autônomo.



No Brasil, visando superar as limitações da sociolinguística tradicional – especialmente a ausência de aspectos geográficos mais detalhados – e da geolinguística – que por vezes negligencia a dimensão social mais ampla –, Razky (1998) propõe a geossociolinguística. Essa abordagem surge da combinação dos métodos da sociolinguística com os da geografia linguística, buscando integrar as dimensões social e espacial nos estudos da variação linguística. A importância dessa perspectiva pode ser observada em produções como o Atlas Linguístico de Sergipe (Ferreira et al., 1987) e o Atlas Linguístico do Paraná (Aguilera, 1994), que exemplificam a aplicação prática dessa metodologia híbrida.

### 3 O ROTACISMO

O rotacismo é um fenômeno fonético-fonológico que consiste na substituição de determinados fonemas por outros que possuem o som /r/ ou que se aproximam dele. Essa substituição pode ocorrer em diferentes contextos linguísticos e está frequentemente associada a variações regionais, etárias ou mesmo a distúrbios na aquisição da linguagem, tanto em crianças quanto em adultos (Razky, 1998). Embora muitas vezes seja visto como um traço estigmatizado da fala, o rotacismo também pode ser interpretado como um marcador de identidade linguística, especialmente em comunidades em que esse traço é amplamente compartilhado (Bagno, 2007).

Do ponto de vista linguístico, o rotacismo pode se manifestar de maneira espontânea ou sistemática, dependendo do contexto sociolinguístico em que o falante está inserido. Em alguns casos, trata-se de um fenômeno transitório durante a aquisição da linguagem oral, principalmente na infância, quando o aparelho fonador ainda está em desenvolvimento (Bortoni-Ricardo, 2004). Nesses casos, a substituição de sons é comum e tende a desaparecer à medida que a criança amadurece linguisticamente.

Contudo, o rotacismo também pode persistir na fala adulta, assumindo uma função social e identitária. Em comunidades específicas, principalmente em regiões interioranas ou isoladas, esse traço fonológico pode ser socialmente aceito ou até mesmo reforçado, tornando-se um elemento característico do dialeto local (Calvet, 2002). Em tais contextos, a variante linguística rotacizada passa a integrar a norma local de uso e não representa, necessariamente, um desvio ou erro de linguagem, mas sim uma forma legítima de expressão.

Do ponto de vista fonético, o rotacismo frequentemente envolve a substituição de consoantes líquidas, como /l/ ou /ʎ/ (palatal lateral), por /r/ (vibrante simples ou múltipla). Por exemplo, palavras como “claro” podem ser pronunciadas como “craro”, ou “plantar” como “prantar”. Esses casos ilustram uma tendência articulatória em que o ponto de articulação se desloca para uma região mais posterior da cavidade oral, o que pode estar relacionado à facilidade articulatória ou à influência de padrões fonológicos regionais (Ferreira; Cardoso, 1994).



As possíveis motivações para o surgimento do rotacismo são múltiplas e envolvem fatores biológicos, sociais e linguísticos. No plano biológico, dificuldades no controle motor da língua podem contribuir para a articulação inadequada de certos sons. Já no campo social, o contato com grupos nos quais o rotacismo é frequente pode favorecer a assimilação dessa característica. Por fim, fatores linguísticos, como o contexto fonético das palavras e a frequência de uso de determinadas formas, também exercem influência na ocorrência do fenômeno (Tarallo, 1988).

Além disso, o rotacismo pode ser abordado sob uma perspectiva sociolinguística, como uma forma de variação linguística que revela a diversidade e a complexidade do uso da língua no Brasil. Estudos nessa linha investigam o rotacismo não apenas como uma questão fonológica, mas também como um indicador de pertencimento social, cultural e regional (Bortoni-Ricardo, 2004). Assim, compreender esse fenômeno implica reconhecer que as formas linguísticas não são estáticas, mas refletem dinâmicas sociais e históricas próprias de cada comunidade (Labov, 1983).

A abordagem dialetológica também contribui significativamente para a análise do rotacismo, ao mapear sua ocorrência em diferentes regiões e correlacioná-lo a outras variáveis, como escolaridade, faixa etária e grau de urbanização. O levantamento sistemático de dados empíricos permite identificar padrões de ocorrência e verificar se o fenômeno se mantém constante ao longo do tempo ou se sofre influências externas, como a mídia e os processos de escolarização (Razky, 1998).

Em suma, o rotacismo é um fenômeno multifacetado que evidencia a natureza dinâmica e variada da língua falada. Longe de representar uma falha ou deficiência linguística, o rotacismo pode ser compreendido como parte das múltiplas possibilidades fonológicas existentes no português brasileiro. Sua análise contribui para uma visão mais inclusiva e realista da linguagem, valorizando a diversidade e reconhecendo os diferentes modos de falar como manifestações legítimas de identidade cultural e social.

#### **4 METODOLOGIA**

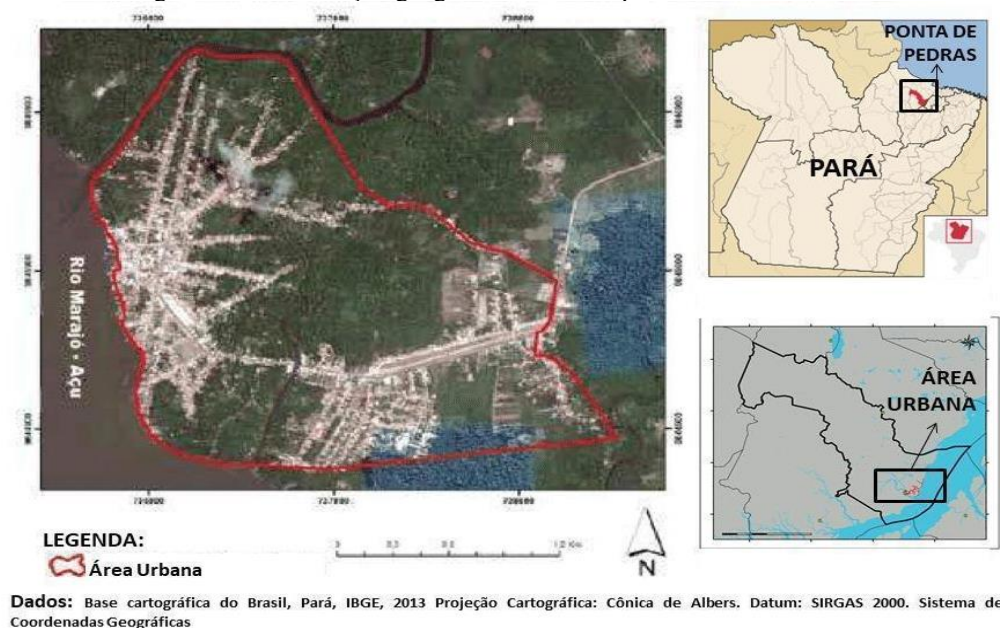
No que tange à elaboração das cartas linguísticas, destaca-se que sua construção seguiu uma abordagem descritivo-exploratória, adotando uma perspectiva quantiquantitativa voltada à análise das descrições sociais. Essa abordagem prioriza os significados atribuídos pelos sujeitos envolvidos, considerando suas experiências e interpretações.

No âmbito da pesquisa dialetal, sob a ótica da geolinguística, a definição dos pontos de inquérito constitui a etapa inicial e fundamental do processo investigativo. Para tal definição, foram observados critérios geográficos, conforme proposto por Ferreira e Cardoso (1994), a fim de garantir representatividade espacial adequada. Soma-se a isso a realização de um levantamento bibliográfico prévio sobre a região, considerado essencial para a compreensão dos aspectos históricos, sociais e políticos que permeiam a comunidade em estudo.



O município de Ponta de Pedras foi escolhido como locus da pesquisa, estando situado na Ilha do Marajó, importante arquipélago localizado na região nordeste do estado do Pará. Com uma população inferior a 50.000 habitantes, a economia local se baseia, predominantemente, na agricultura familiar, na pecuária extensiva, nas atividades extrativistas e no pequeno comércio, configurando-se como uma comunidade de estrutura socioeconômica tradicional. A seguir, apresenta-se a Imagem 01, que mostra a posição geográfica do município de Ponta de Pedras a partir de sua representação cartográfica.

Imagem 01 – Localização geográfica do município de Ponta de Pedras/PA



Fonte: IBGE (2013).

Ressalta-se que, para fins deste estudo, a área urbana foi delimitada em quatro pontos linguísticos distintos, correspondentes aos bairros Carnapijó, Campinho, Centro e São João. Essa divisão seguiu as orientações metodológicas propostas por Ferreira e Cardoso (1994), que sugerem a identificação precisa dos locais de coleta como parte fundamental na pesquisa dialetal.

Em relação aos participantes da investigação, conforme destacado por Cardoso (2010), é essencial que a seleção da amostra respeite os princípios da dialetologia, de modo a garantir um perfil compatível com os objetivos do estudo. Com base nisso, foram adotados os critérios estabelecidos por Aguilera et al. (2001) para a escolha dos colaboradores: serem naturais da localidade correspondente ao ponto linguístico investigado; não terem residido fora da comunidade por mais de um terço de suas vidas; pertencerem a uma faixa de renda de até dois salários mínimos, conforme o valor vigente à época da pesquisa; estarem inseridos em uma das duas faixas etárias consideradas: adultos (a partir de 50 anos) e jovens (entre 18 e 30 anos).

Devido à inviabilidade de contemplar três faixas etárias, optou-se por uma amostra composta por 16 participantes, contemplando ambos os sexos, com baixa escolaridade, todos atendendo aos critérios



estabelecidos para a realização desta pesquisa, conforme indicado no quadro a seguir. Os recursos empregados na coleta de dados para a formação da amostra incluíram o uso de ferramentas tecnológicas, como o gravador de voz do telefone celular, além de materiais auxiliares, como etiquetas de identificação, câmera fotográfica, bloco de anotações, entre outros. Esse conjunto de instrumentos constituiu o suporte técnico necessário para assegurar o registro confiável e de qualidade das manifestações linguísticas observadas na comunidade pesquisada.

Para a construção do corpus da pesquisa, todas as ocorrências foram transcritas foneticamente e, posteriormente, analisadas. As variantes que apresentaram distinções no plano fonético-fonológico foram organizadas conforme sua frequência, sendo priorizadas aquelas que apareceram em mais de 50% dos registros.

## 5 RESULTADOS

Acerca dos resultados obtidos no presente trabalho, é válido salientar que o Questionário Fonético-Fonológico (QFF) do Atlas Linguístico do Brasil (Aguilera *et al.*, 2001) é composto por 159 questões referentes aos fenômenos, cujo o do rotacismo está incluso em menor quantidade. Contudo, optou-se pela elaboração de somente quatro cartas que apresentam diferentes porcentagens de variantes encontradas, como apresentado no quadro de resultados:

Quadro I – Resultados

| Nº Quest | palavra   | Carnapijó |              | Centro |              | Campinho |              | São João |                      | total ocor | total % |
|----------|-----------|-----------|--------------|--------|--------------|----------|--------------|----------|----------------------|------------|---------|
|          |           | Nº        | variante     | Nº     | variante     | Nº       | variante     | Nº       | variante             |            |         |
| 33       | CLARA     | 4         | ['krarΛ]     | 4      | ['krarΛ]     | 4        | ['krarΛ]     | 4        | ['krarΛ]             | 16         | 100     |
| 40       | PLANTA    | 3         | ['prãtΛ]     | 4      | ['prãtΛ]     | 4        | ['prãtΛ]     | 4        | ['prãtΛ]             | 15         | 93      |
| 68       | PLACA     | 4         | ['prakΛ]     | 4      | ['prakΛ]     | 4        | ['prakΛ]     | 3<br>1   | ['prakΛ]<br>['plakΛ] | 15<br>1    | 93      |
| 69       | BICICLETA | 4         | [bisi'krɛtΛ] | 4      | [bisi'krɛtΛ] | 4        | [bisi'krɛtΛ] | 4        | [bisi'krɛtΛ]         | 16         | 93      |

Fonte: Os autores.

Os dados apresentados no Quadro I indicam os resultados alcançados em relação aos quatro itens verificados. Diante disso, partiu-se do princípio de que o estudo precisa também ser analisado na perspectiva da relação diatópica e diastrática do sujeito em sua comunidade ou região, permitindo fazer análises multivariadas com programas computacionais, gerando tabelas, gráficos e cartas.



Logo, os dados coletados nos quatro pontos linguísticos em que foram realizadas as pesquisas foram quantificados e comparados na perspectiva da fonética e fonologia. Além disso, é essencial pontuar que todas as variantes de caráter lexical foram negligenciadas, tendo em vista que não é o foco da pesquisa.

Conforme foi realizada a análise do fenômeno variável em questão, 100% das questões presentes no QFF do ALiB foram aproveitadas, catalogando-se, assim, o número presente de resultados. Assim, selecionaram-se 4 cartas em que o fenômeno é representado. Cada carta recebeu uma numeração de 01 a 04, juntamente com uma questão referente ao Questionário Fonético-Fonológico do Atlas Linguístico do Brasil (Aguilera et al. 2001), que faz menção ao fenômeno variável do rotacismo, seguindo a cada carta uma breve análise dos seus respectivos resultados.

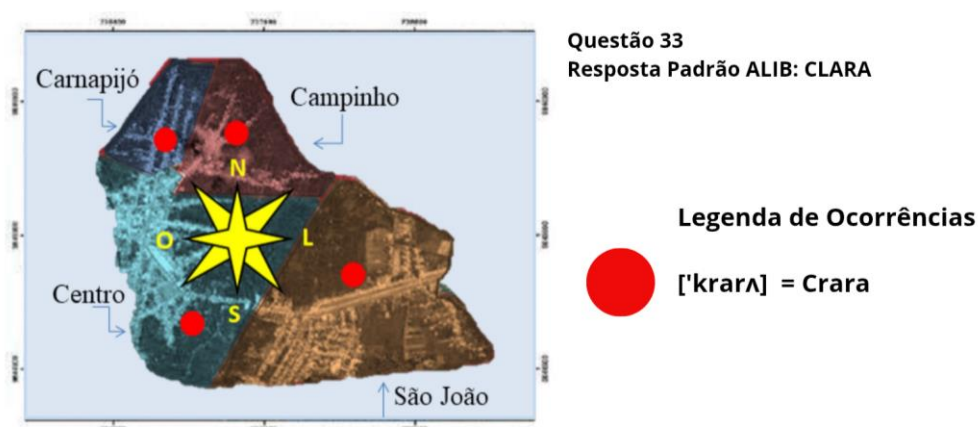
## 6 ANÁLISE

A Carta Fonética de número 01, ilustrada na Imagem II, apresenta uma ocorrência de 100% do fenômeno estudado, o que inegavelmente, pode ser considerado absoluto por evidenciar que o som/traço em questão possui papel relevante no sistema fonológico da língua ou variedade estudada, podendo funcionar como marcador de identidade linguística ou social.

Como já mencionado, os critérios de escolha dos sujeitos que compuseram a pesquisa foi essencial para obtenção deste resultado, tendo em vista que além do isolamento geográfico - todos os sujeitos nunca saíram da localidade - os demais fatores foram cruciais para a presença e perpetuação da existência do rotacismo no falar pontapedrense.

Imagem II – Carta Fonética 01

### Carta QFF 01



Fonte: Os autores.

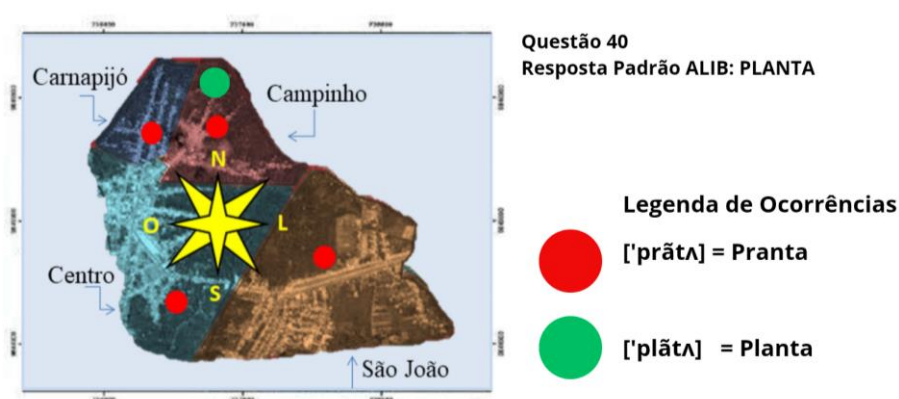


A imagem III ilustra a carta Fonética de número 02, que diferentemente da primeira carta, apresentou uma manutenção, interferindo assim no percentual do fenômeno do rotacismo de 100% para 93,75%. A ausência de variação também pode estar relacionada a fatores como homogeneidade sociolinguística dos participantes, além da situação de fala controlada, ou ao estilo monitorado de enunciação, por exemplo, em leitura em voz alta intimidante.

A presença dessa manutenção pode ser justificada pelo auto policiamento da fala no ato da entrevista, inicialmente, como observado pelos autores que guiaram o contato. Prova disso é o fato da ocorrência do mesmo fenômeno em outros momentos na fala do mesmo entrevistado.

Imagem III – Carta Fonética 02

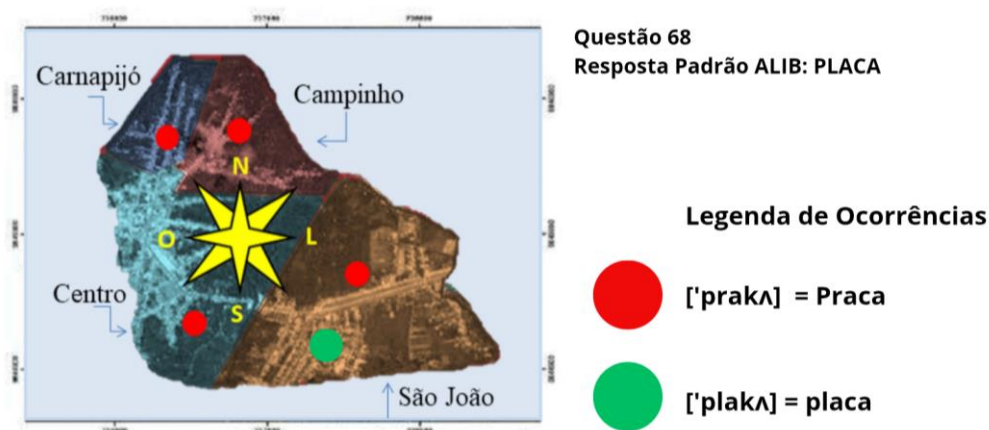
### Carta QFF 02



Fonte: Os autores.

Imagem IV – Carta Fonética 03

### Carta QFF 03



Fonte: Os autores.

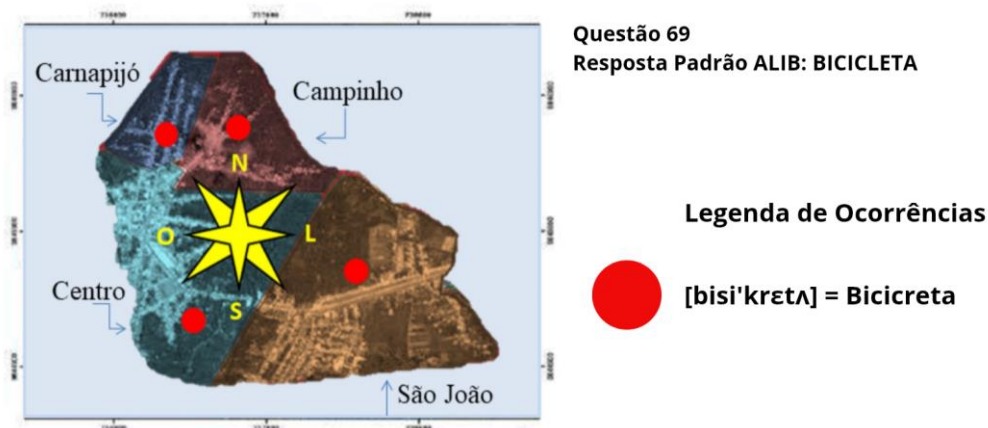


A quarta Carta Fonético-fonológica apresentou uma manutenção no bairro São João - Marajó - PA, o que representou 6,25% nas porcentagem de ausência do fenômeno. Contudo, tal valor não interferiu na ocorrência superior a 50% em todas as perguntas de todas as cartas que registraram a presença do fenômeno, como ilustrado: a presença do Rotacismo em todas as localidades.

A carta fonética de número 04, ilustrada na imagem cinco - a seguir - apresenta 100% de ocorrência do fenômeno. A totalidade de ocorrência aponta para uma internalização consolidada desse fenômeno pelos falantes, o que pode ser reflexo de um processo fonológico já enraizado e pouco suscetível à variação.

Imagem V – Carta Fonética 04

## Carta QFF 04



Fonte: Os autores.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acerca do fenômeno do rotacismo no português, no contexto da presente pesquisa, observou-se a importância de reconhecer que tal processo fonético-fonológico se manifesta de forma significativa em determinadas variedades regionais da língua, não sendo, portanto, uma característica comum a todas as variantes do idioma. Além disso, constatou-se que, para além das influências históricas e geográficas, as comunidades linguísticas desenvolvem padrões próprios de fala ao longo do tempo.

Nesse sentido, o rotacismo contribui para a ampliação da diversidade linguística dentro da língua portuguesa, reforçando a riqueza cultural e linguística do país, e destacando a necessidade de valorização e preservação dos diferentes modos de falar. Dessa forma, é pertinente ressaltar que o registro desse fenômeno por meio de cartas fonéticas, bem como sua comparação com outros dialetos, constitui um passo fundamental para o aprofundamento do conhecimento sobre as múltiplas expressões do português brasileiro.



Com isso, entende-se que evidenciar o caráter heterogêneo da língua colabora diretamente para a desconstrução do mito da uniformidade linguística. A partir do exposto, infere-se que os objetivos propostos pela pesquisa foram alcançados, uma vez que registrar em cartas um fenômeno linguístico ainda não descrito na localidade estudada, e compará-lo a outras ocorrências, revela-se uma tarefa essencial para compreender as diversas formas do português falado no Brasil.

Ademais, os dados obtidos nos quatro pontos linguísticos selecionados evidenciam que as ocorrências do fenômeno do rotacismo superam, em número, as formas de manutenção da pronúncia padrão, o que demonstra a maneira como a comunidade linguística local organiza e categoriza sua realidade por meio da linguagem.



## REFERÊNCIAS

- ABAURRE, Maria Luiza. Introdução à fonologia do português brasileiro. São Paulo: Ática, 2001.
- BAGNO, Marcos. A língua de Eulália: novela sociolinguística. São Paulo: Contexto, 2007.
- BAGNO, Marcos. Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- BARCELOS, José Carlos; SANTOS, Renata dos. Fonética e fonologia do português do Pará: um estudo sobre processos de variação. Revista Linguagem, v. 12, n. 2, p. 45-66, 2019.
- BIDERMAN, Maria Tereza. Introdução à análise morfológica. 2. ed. São Paulo: Ática, 1998.
- CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. Estrutura da língua portuguesa. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- CRISTÓFARO-SILVA, Thaïs. Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2005.
- LABOV, William. Sociolinguistic patterns. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. Sociolinguística histórica. São Paulo: Contexto, 2004.
- MOLLICA, Maria Cecília. Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação. São Paulo: Cortez, 2009.
- OLIVEIRA, Cristiane Figueira de. A variação linguística no ensino do português. São Paulo: Contexto, 2009.
- POSSENTI, Sírio. Por que (não) ensinar gramática na escola. Campinas: Mercado de Letras, 1996.
- PRETI, Dino. O ensino da língua e a prática da análise linguística. São Paulo: Cortez, 2000.
- SILVA, Gláucia V. Variação fonológica. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática. São Paulo: Cortez, 2003.
- ZILLES, Ana Maria. O ensino de língua portuguesa: perspectivas para a formação do professor. São Paulo: Contexto, 2006.